

# FORTIFICAÇÕES ABALUARTADAS DA FRONTEIRA LUSO-EXTREMENHA NA CARTOGRAFIA DE NICOLAS DE FER (1702-1714)<sup>1</sup>

**Luís Miguel Alves de Bessa Moreira**

*Departamento de Geografia da Universidade do Minho*

*Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa*

*Grupo de Trabajo de Historia de la Geografía, Geografía Histórica y Geografía Política del Instituto de Historiografía Julio Carlo Baroja de la Universidad Carlos III de Madrid.*



*Professor Auxiliar convidado no Departamento de Geografia da Universidade do Minho. Mestre em História das Populações e Doutor em Geografia Humana, pela Universidade do Minho, é investigador efetivo no Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa e é membro associado do Grupo de Trabajo de Historia de la Geografía, Geografía Histórica y Geografía Política del Instituto de Historiografía Julio Carlo Baroja de la Universidad Carlos III de Madrid.*

*Tem desenvolvido investigações sobre temas subordinados à História da Cartografia Portuguesa e de Geografia Histórica, particularmente dos séculos XVII e XVIII, em diversas reuniões científicas nacionais e internacionais.*

---

(1) Trabalho desenvolvido no âmbito do Proyecto Trazar La Línea: Teoría y Práctica de las Delimitaciones Fronterizas Franco-Luso-Españolas (1750-1936). (Cso2015-65301-P Mineco/Feder).

## RESUMEN

*A Guerra da Sucessão de Espanha foi a mais longa campanha militar portuguesa no teatro de operações ibérico, durante todo o século XVIII. Este conflito, ficou marcado, fundamentalmente, por três etapas: a primeira, entre 1704 e 1705, correspondeu à invasão franco-espanhola; a segunda, entre 1706 e 1709, marcada pela invasão aliada a partir de Portugal, incluindo as campanhas travadas em território espanhol; a terceira etapa, sobre a Raia, decorreu entre 1709 e 1712, e caracterizou-se por incursões, razias e cercos em território inimigo, num e noutro lado da fronteira: Batalha do Caia (1709); Miranda do Douro (1710-1711) e Campo Maior (1712).*

*Desde o início, o conflito foi acompanhado com atenção pelo público europeu que procurava localizar as principais movimentações militares nos diversos teatros de operações.*

*Neste seguimento, a imagem cartográfica de Portugal, impressa e divulgada no estrangeiro, conheceu um renovado interesse, tendo sido editados vários mapas do país compostos por autores de diferentes nacionalidades.*

*Um dos mais ativos produtores de mapas de Portugal foi o francês Nicolas de Fer. O autor correspondia ao protótipo do geógrafo de gabinete característico da emergente cartografia comercial francesa que, desde meados do século XVII, vinha substituindo a cartografia holandesa.*

*Nesta comunicação será analisada a representação da fronteira fortificada (abaluartada) a partir dos exemplares impressos editados por este geógrafo francês.*

## PORTUGAL NA GUERRA DA SUCESSÃO DE ESPANHA (1702-1714)

Após doze anos de um conflito que envolveu as principais potências europeias, terminava, em 1714, a Guerra da Sucessão de Espanha, a mais longa campanha militar portuguesa no teatro de operações da Península Ibérica, logo após a Guerra da Restauração.

Com a morte de Carlos II, o último monarca Habsburgo, e na ausência de descendentes diretos, o trono de Espanha foi herdado pelo pretendente francês Filipe Bourbon, o Duque d'Anjou, neto de Louis XIV, o que mereceu a firme oposição da família real austríaca e seus aliados, que pretendiam ver no trono espanhol o seu candidato, Carlos de Habsburgo.

Tendo em conta o difícil contexto geopolítico em que decorreu o conflito, Portugal não conseguiu conservar a sua neutralidade, pelo que a partir de 1704, envolveu-se diretamente no teatro de operações ibérico. Numa primeira fase (em 1701) Portugal alinhou ao lado da França, mas, a partir de 1702, alterando radicalmente a sua política externa, alinhou ao lado da Grã-Bretanha, das Províncias Unidas e demais aliados, apoiando a candidatura de Carlos da Áustria, numa dupla aliança militar defensiva e ofensiva.

Face a esta situação, Filipe V declarou guerra a Portugal e de imediato iniciou as hostilidades tendo, pessoalmente, comandado uma campanha militar sobre a fronteira portuguesa, a partir da Beira Baixa, ocupando e conquistando sucessivas posições e praças de guerra. Tendo, posteriormente, atravessado o rio Tejo, a campanha continuou no Alto Alentejo, o que permitiu que as forças portuguesas e aliadas, comandadas por D. Pedro II e o arquiduque Carlos, tenham esboçado uma movimentação sobre Ciudad Rodrigo.

No ano seguinte, as forças portuguesas tomam a ofensiva, reconquistam as praças perdidas e internam-se pelo território espanhol, até ocuparem Madrid em junho de 1706<sup>2</sup>. Com as linhas de comunicação cortadas e correndo o sério risco de ficarem isoladas, as tropas portuguesas integraram o exército

---

(2) Ver este contexto, na perspetiva portuguesa, em J. V Borges (2003). *A Conquista de Madrid*. Lisboa, Tribuna da História. Numa perspetiva espanhola, ver D. Martín Marcos (2014). *Península de recelos. Portugal y España 1668-1715*. Madrid, Marcial Pons e G. Segura García (2014). *Guerra de Sucesión Española: Campañas Militares en la Península (1702-1714)*. *Revista de Historia Militar*, II, pp. 149-182.

aliado que, entretanto, combatia no Reino de Valência. Foi nesta circunstância que os aliados conheceram a sua maior derrota da Guerra em 1707 na Batalha de Almanza.

Até ao final do conflito, o que restava do exército português ficou a combater na Catalunha, convertida no principal palco de operações militares, tendo-se distinguido nas batalhas de Almenara e de Saragoça, assim como na defesa do cerco de Cardona<sup>3</sup>.

Entretanto, sobre a raia, desenvolvia-se uma outra guerra, caracterizada, à semelhança do que ocorrera na Guerra da Restauração, por incursões, razias e cercos em território inimigo, num e noutro lado da fronteira, destacando-se a derrota portuguesa na Batalha do Caia, em 1709, a perda e posterior reconquista de Miranda do Douro (1710-1711) e a resistência durante o cerco de Campo Maior (1712).

Fora do teatro ibérico, o corsário francês René Duguay-Trouin, atacou com êxito o Rio de Janeiro, em 1711, colocando em evidência a fragilidade marítima portuguesa.

## A PRODUÇÃO CARTOGRÁFICA

Mas este conflito revestiu-se de um carácter particular pois, mais do que um conflito internacional, tratou-se de uma guerra civil. Assim, internamente, ambos partidos, procuraram, através de ações de propaganda, atrair o maior número possível de apoiantes para as suas respetivas causas. Externamente, e praticamente desde o início, o conflito foi acompanhado com atenção pelo público europeu que procurava localizar as principais movimentações militares nos diversos teatros de operações. Assim, para responder a estas solicitações, foram editados, um pouco por toda a Europa, mapas dos países e regiões onde operavam os exércitos em confronto, bem como as plantas das principais batalhas, muitos deles servindo de suporte para propaganda oficial de um e de outro pretendente ao trono<sup>4</sup>.

---

(3) Sobre a restante campanha, ver, J. Albareda Salvadó y V. León Sanz (2013). Estudio Introductorio. In *Diario Bellico. La Guerra de Sucesión en España*. Alicante, Universidad de Alicante.

(4) Sobre a propaganda nesta guerra, ver C. Borreguero Beltrán (2003). Imagen y propaganda de guerra en el conflicto sucesorio (1700-1713). *Manuscrits*, 21, pp. 95-132.

Neste seguimento, a imagem cartográfica de Portugal, impressa e divulgada no estrangeiro, conheceu um renovado interesse, tendo sido editados vários mapas do país compostos por autores de diferentes nacionalidades, ainda que esta maior atenção tenha sido dedicada aos anos iniciais da campanha peninsular - entre 1703-1705 - altura em que os dois exércitos antagonistas foram liderados pessoalmente pelos reis de Portugal e de Espanha e pelo pretendente austríaco.

No início do século XVIII, o domínio editorial da cartografia holandesa já havia sido disputado pela França, pelo que, Paris sucedeu a Amesterdão enquanto principal centro difusor de mapas na Europa. Deste modo, a maioria dos mapas de Portugal editados durante o conflito (apenas considerando os de dimensão folio), era de autoria francesa:

<b>Ano</b>	<b>Autor</b>	<b>Título</b>
1702	Sanson d'Abbeville	<i>Les estats de la couronne du Portugal en Espagne</i>
1703	Nicolas de Fer	<i>Les Frontières d'Espagne et de Portugal où se trouve le royaume de Portugal...</i>
1703	Pieter Schenk	<i>Corona Portugalliae et Algarbiae...</i>
1703	Nicolas de Fer	<i>Carte nouvelle d'Espagne et de Portugal divisee en leurs principales partie, royaumes ou provinces...</i>
1704	António Vizarrón	<i>Descripcion del Reyno de Portugal...</i>
1704	Gaspar Baillieul	<i>Le Royaume de Portugal et partie du royaume d'Espagne...</i>
1704	Père Placide	<i>Le Portugal dédié au Roy...</i>
1704	Gaspar Bailleux	<i>Le Portugal et ses frontières</i>
1704	Jean Baptiste Nolin	<i>Le Royaume de Portugal divisé en cinq grandes provinces...</i>
1704	Nicolas de Fer	<i>Les Royaumes de Portugal et d'Algarve...</i>
1704	Nicolas de Fer	<i>La glorieuse campagne de Pilippe V aux environs du Tage</i>

1704	Jean Besson	<i>Royaume de Portugal et Partie D’Espagne...</i>
1705	Nicolas de Fer	<i>Les Frontières d’Espagne et de Portugal où se trouve le royaume de Portugal...</i>
1705	Nicolas de Fer	<i>Description del reyno de Portugal y de los reynos de Castilla que confinan con su frontera...</i>
1710	George Matthaus Seutter	<i>Portugalliae et Algarbiae Regna cum confinibus...</i>
1710	Johann Baptist Homann	<i>Portugalliae et Algarbiae cum finitimis Hispaniae Regnis</i>
1711	Frederick de Wit	<i>Novissima Regnorum Portugalliae et Algarbiae...</i>
1711	Alexis-Hubert Jaillot	<i>Royaume de Portugal...</i>
1713?	Frère Auguste Lubin	<i>La Nouvelle Carte Du Portugal Dressée Selon Les Dernières Remarques Des Plus Habiles Géographes D’Espagne Et De Portugal ». 1713.</i>
?	François Halma	<i>Nouvelle Carte du Portugal, dressée sur les dernières remarques des plus habiles géographes d’Espagne et de Portugal</i>
?	Carel Allard	<i>Portugalliae Meridionales Plagae</i>

Tabela 1. Mapas de Portugal impressos durante a Guerra da Sucessão de Espanha  
Fonte: Biblioteca Nacional de Portugal e Bibliothèque Nationale de France

## A FRONTEIRA ABALUARTADA LUSA-ESTREMENHA

A faixa fronteira luso-estremenha, compreendendo uma parte dos territórios das províncias portuguesas da Beira e do Alentejo, entre a serra da Malcata, a norte e o rio Guadiana, a sul é, desde a fundação da nacionalidade, uma fronteira densamente fortificada, formada por um sistema de três linhas que defendiam duas das entradas naturais do Reino.<sup>5</sup> Contudo, à medida que a ameaça militar neste território foi diminuindo, muitas das primitivas fortalezas medievais (quase todas da Ordem do Templo) perderam a sua importância estratégica e foram abandonadas ou ruíram.

Em 1509-10, o escudeiro real Duarte de Armas, cumprindo uma determinação de D. Manuel I, realizou uma viagem de inspeção aos castelos da raia portuguesa, desenhando várias vistas e plantas de cada um daqueles que visitou. Neste setor fronteiro, o autor registou o perfil de 25 castelos da primeira linha defensiva, a saber: Moura; Noudar; Mourão; Monsaraz; Terena; Alandroal; Juromenha; Olivença; Elvas; Campo Maior; Ouguela; Arronches; Monforte; Assumar; Alpalhão; Castelo de Vide; Nisa; Montalvão, Castelo Branco; Idanha-a-Nova; Segura; Salvaterra; Penha Garcia; Monsanto e Penamacor. Estranhamente, no Alentejo, não constam os castelos de Alegrete, Portalegre e Marvão, que asseguravam a defesa do passo da serra de São Mamede e do vale do Sever<sup>6</sup>.

Estas mesmas fortificações seriam redesenhadas – ou copiadas – em 1642 por Brás Pereira de Miranda, numa obra manuscrita intitulada *Fronteira de Portugal fortificada pellos reys deste Reyno. Tiradas estas fortalezas no tempo del Rey Dom Manoel*, e que comprova que, no início da Guerra da Restauração, este ainda era o único dispositivo de defesa da fronteira. No entanto, no decorrer deste longo conflito, as autoridades militares decidiram reforçar a defesa da primeira linha de fronteira, refazendo o sistema de fortificações, modernizando as cercas e adaptando-as às novas necessidades bélicas, construindo

---

(5) R. García Gómez (2017). Virai costas a Castela. Las fortificaciones de la Beira Baixa portuguesa / Turn your back to Castille. The fortifications of the Portuguese Beira Baixa. *CEAMA*, 17, pp. 162-207.

(6) M. Barroca (2018). O Livro das Fortalezas de Duarte de Armas. Contributo para uma análise comparativa dos manuscritos de Lisboa e de Madrid. In Rosa, Lúcia, Sousa, Ana Cristina e Barreira, Hugo. *Genius Loci – Lugares e Significados = Places And Meanings*. Vol. 2, Porto, CITCEM, pp. 183 – 205.

trincheiras e parapeitos ou projetando fortificações inteiramente novas, ainda que nem todas tivessem um carácter permanente. Assim aconteceu na Beira Baixa nos casos de Penamacor, Segura, Salvaterra, Zebreira e Rosmaninhal, e no Alentejo, com Montalvão, Castelo de Vide, Marvão, Portalegre, Arronches, Ouguela, Campo Maior, Elvas, Juromenha, Olivença, Monsaraz, Mourão, Moura e Noudar.

Naturalmente, a esta barreira portuguesa, opunha-se a primeira linha fortificada estremenha, composta, entre outras obras, pelos fortes e fortalezas de Alcântara, Valência de Alcântara, Albuquerque, Badajoz, Jerez de los Caballos, Moraleja, Telen e Oliva de la Frontera. O espaço compreendido entre as duas linhas, era o território das razias e das incursões dos dois exércitos

A construção deste sistema defensivo abaluartado nos dois lados da raia, ficou registado em inúmeros planos, muitos deles integrando atlas manuscritos de restrita circulação, outros conhecendo uma ampla divulgação depois de impressos<sup>7</sup>.

No início do século XVIII, quando Portugal se envolveu na Guerra da Sucessão de Espanha, este dispositivo defensivo foi reativado. Após quase 40 anos volvidos desde o fim da Guerra da Restauração, enquanto algumas praças foram alvo de obras de consolidação, de reforço ou de ampliação, outras ficaram votadas a um estado de abandono e de degradação, mas que agora, em face de uma nova e urgente ameaça, se procuraram rapidamente recuperar.

---

(7) Alguns destes atlas só recentemente foram dados a conhecer. Podemos referir as iniciativas desenvolvidas por Testón Núñez, I.; Sánchez Rubio, C.; Sánchez Rubio, R. *Planos Guerra y Frontera. La Raya Luso-Extremeña en el Archivo Militar de Estocolmo*, Mérida, Gabinete de Iniciativas Transfronterizas, Junta de Extremadura, 2003; *Imágenes de un Imperio Perdido. El Atlas del Marqués de Heliche : plantas de diferentes plazas de España, Italia, Flandes y Las Indias*. Merida, Presidencia de Junta de Extremadura, 2004; *El Atlas Medici de Lorenzo Possi, 1687*. Badajoz, Caja de Ahorros de Badajoz, 2014.

Também se pode mencionar o atlas do engenheiro militar francês Nicolas de Langres (serviu nos dois exércitos), sob o título *Desenhos e plantas de todas as praças do Reino de Portugal pelo tenente-general Nicolau de Langres, francês que serviu na Guerra da Aclamação*, (Cod. 7445. Biblioteca Nacional de Portugal - BNP). Em relação aos atlas impressos, destaca-se a obra de Alain Manesson Mallet (1684-1685). *Les Travaux de Mars ou l'Art de la Guerre*. Paris, Denys Thierry.



## NICOLAS DE FER, O AUTOR E A SUA OBRA

Um dos mais ativos produtores de mapas de Portugal deste período, foi o francês Nicolas de Fer (1646-1720). O autor correspondia ao protótipo do geógrafo de gabinete característico da emergente cartografia comercial francesa que, desde meados do século XVII, vinha disputando o mercado com a cartografia holandesa.

Tal como muitos dos seus congêneres parisienses, também de Fer era membro de uma família ligada ao negócio editorial de mapas, imagens e estampas. O seu pai, Antoine de Fer, fora um gravador/impressor, editor e colaborador de alguns autores cartográficos, nomeadamente de Christophe Tassin, para a composição do seu mapa de Portugal de 1646, ou de Melchior Tavernier editor das obras de Nicolas Sanson d'Abbeville. Após a morte do pai, o negócio continuou na família, até ser herdado por Nicolas, em 1687, tendo prosperado a partir de então.

Aproveitando as circunstâncias políticas e militares que, desde finais do século XVII, envolviam a França e os países vizinhos em vários conflitos fronteiriços, de Fer renovou e impulsionou a sua atividade editorial, ao mesmo tempo que procurava um mecenas a quem pudesse dedicar as suas obras e de quem recebesse uma subvenção, ou tão somente uma proteção simbólica, seguindo o exemplo de muitos dos seus colegas e concorrentes. Naturalmente, a ligação a uma personalidade importante da sociedade francesa poderia ser um fator decisivo para se assegurar o êxito editorial.

O seu esforço foi recompensado logo em 1690, ano em que foi nomeado "Geógrafo do Grande Delfim", após ter glorificado a campanha militar liderada pelo primogénito de Luís XIV no seu mapa do Franco Condado. Esta ligação familiar estendeu-se aos filhos do "Delfim", pelo que, quando Filipe, o secundogénito, se tornou rei de Espanha sob o título de Filipe V, de Fer foi nomeado "Geógrafo de Sua Majestade Católica" e, após a morte do "Delfim", converteu-se em "Geógrafo do Rei" de França.

Sendo um geógrafo com ligações às casas reais de França e de Espanha, desde o início da Guerra da Sucessão de Espanha a sua produção cartográfica revestiu-se de mensagens propagandísticas a favor do pretendente Filipe.

## A FRONTEIRA CARTOGRAFADA

Sobre a produção cartográfica dedicada ao território português, de Fer publicou inúmeras imagens, a diferentes escalas, mas quase todas referentes ao período inicial do conflito, altura em que o próprio Filipe V comandava a campanha, pelo que, era importante glorificar os feitos das Armas espanholas. Para além da escala Ibérica, integrando o conjunto da Península, o território português também foi representado à escala nacional, regional e local, mostrando a progressão da invasão espanhola de 1704.

No que se refere às imagens do conjunto de Portugal, destacam-se três imagens diferentes, todas gravadas por P. Starckman e que conheceram várias edições. O primeiro mapa foi editado em 1703, é de tamanho *folio* (58 x 43 cm) e intitula-se *Les Frontieres d'Espagne et de Portugal, ou se trouve Le Royaume de Portugal*. Figura o território de Portugal, assim como uma parte significativa do território espanhol que se estende para Este do Estreito de Gibraltar, denunciando a sua fonte provável, o mapa da Península Ibérica *L'Espagne*, da autoria de Guillaume de l'Isle, datado de 1701, ou uma sua variante<sup>8</sup>. Composto numa fase inicial do conflito, o mapa não contém qualquer mensagem propagandística.

O território figurado está condicionado pela escala do mapa e pelo facto de derivar de um mapa peninsular. A raia foi representada por uma linha tracejada, cuja configuração merece destaque, na medida em que inclui em território português algumas localidades espanholas da fronteira de Olivença, situação condizente com a aquela que se verificava no final da Guerra da Restauração e que seria recriada no início da ofensiva aliada, em 1706.

No trecho estremenho, apenas a praça de Elvas foi figurada com um símbolo identificativo de uma fortaleza abaluartada, pelo que, nesta leitura, esta ainda não era – ou já não era - uma fronteira fortificada.

O segundo mapa é de maiores dimensões (86 x 46 cm), foi composto em 3 folhas, cada uma delas identificando o seu editor, intitula-se *Description del Reyno de Portugal, y de los Reynos de Castilla que Confinan con su Frontera*, e foi editado em 1705 (figura 1)<sup>9</sup>. Possui uma cartela, situada na folha superior,

---

(8) O exemplar em análise encontra-se na BNP, C.C.- 652- A.

(9) BNP, C.C.- 902 – R.

onde consta a dedicatória a Filipe V e a indicação de ter sido delineado por Pedro Teixeira, o que poderia equivaler a uma nova versão do mapa de 1662 deste autor. Contudo, esta imagem do conjunto de Portugal, parece ter mais em comum com o mapa composto em duas folhas que Gaspar Baillieu editou em Paris, entre 1704 e 1708, intitulado *Le Portugal et ses frontières*<sup>10</sup>, ou com o protótipo deste, o mapa *Il Regno di Portugal* composto por Giacomo Cantelli da Vignola, em 1692.<sup>11</sup>

Esta versão do mapa de de Fer, que se encontra depositada na Biblioteca Nacional de Portugal, apresenta uma espécie de moldura que inclui 8 plantas de várias praças de guerra do Alentejo e de Lisboa, gravadas por Coquart, assim como duas vistas da Torre de Belém e do Palácio Real e uma planta do estuário do rio Tejo, datada de 1715. Às imagens juntam-se duas descrições, uma do estuário do Tejo datada de 1716 e outra, sem data, da cidade de Lisboa. Trata-se de um documento factício, composto por diferentes imagens recolhidas a partir de outras obras do autor.

Conhece-se uma outra versão deste mapa sem a cartela da dedicatória ao rei de Espanha, provavelmente destinado a um público diferente que não o franco-espanhol<sup>12</sup>. Não deixa de ser significativo fazer notar que quando um novo conflito armado envolveu, uma vez mais, os dois reinos ibéricos, de Fer recorreu ao mapa usado pelo exército espanhol para apoiar a campanha de invasão do Alentejo, comandada por D. João da Áustria, a partir de 1662.

---

(10) Bibliothèque National de France (BNF), GE C-11367 (A-B).

(11) BNF, GE DD-2987 (1864 B).

(12) Este mapa, identificado como “carta nº 11” está inserto num atlas factício que integra a coleção de cartografia da BNP, com a cota C.A. - 15 - R.



Também neste mapa a fronteira foi representada por uma linha tracejada. Na área em análise identificam-se várias fortificações abaluartadas que se enfrentam nos dois lados da raia: Salvaterra-Alcântara; Portalegre-Valência de Alcântara; Arronches e Campo-Maior-Albuquerque; Elvas-Badajoz; Olivença-Telena. Comparativamente ao seu protótipo de 1662, o mapa nada de novo acrescentava.

O terceiro mapa de Portugal, também datado de 1705, é o *Les Royaumes de Portugal et d'Algarve*. À semelhança dos anteriores, também este corresponde a uma adaptação de um mapa elaborado por outro autor, neste caso, a fonte provável será uma das edições do mapa de Péré Placide de St. Héline, *Le Portugal*, que, por sua vez, terá recorrido ao mapa de Portugal elaborado pelo seu cunhado, Pierre Duval, em 1676.

Quase todas estas imagens serão republicadas, em 1709, numa nova obra de N. de Fer intitulada *Atlas ou Recueil de cartes géographiques Dressées Sur les Nouvelles Observations de Mrs de l'Academie Royale des Sciences*.<sup>13</sup>

Nesta imagem do conjunto do país, a fronteira foi delineada por um ponteadado, que também inclui várias localidades espanholas do sul da Estremadura em território português. A única fortificação figurada é o forte de S. Cristóvão, nos arrabaldes de Badajoz.

Contudo, é à escala regional que a representação da fronteira abaluartada adquire uma maior e mais completa expressão. Numa escala regional mais abrangente, inclui-se o mapa *La glorieuse campagne de Pilippe V aux environs du Tage dans les provinces de Beira, Estremadura et Alentejo*, indicando-se que N. de Fer era “Geographe de sa Majesté Catholique et de Monseigneur le Dauphin” (figura 2)<sup>14</sup>.

---

(13) Vejam-se os exemplares na Biblioteca Nacional de Espanha (BNE), GMG/126 ou na BNF, GE CC-5083 (RES).

(14) BNP, C.C. – 1795 - A.



Figura 2 - La glorieuse campagne de Pilippe V aux environs du Tage dans les provinces de Beira, Estremadura et Alentejo, Nicolas de Fer, 1704. BNP C.C. – 1795 – A.

Neste mapa datado de 1704, o autor figura todo o território nacional compreendido entre a raia de Espanha a este e o Oceano atlântico (Mar Oceano ou Mar de Portugal) a oeste; o rio Douro a norte e parte dos cursos dos rios Sado e Guadiana a sul. Na realidade, este espaço corresponde a uma das três folhas em que N. de Fer compôs o seu mapa de Portugal, baseado no de Pedro Teixeira e que editou no ano seguinte. Tudo indica, por isso, tratar-se de um aproveitamento comercial do geógrafo francês que, nesta altura, deveria estar a terminar o mapa de Portugal e vendo na campanha de 1704 uma boa oportunidade, acrescentou à folha “central” um título novo, laudatório de Filipe V. Desta forma, a configuração da fronteira não apresenta nenhuma novidade.

Paralelamente, com o intuito de documentar esta campanha militar, foi publicado um conjunto de mapas, vistas e plantas que foram, originalmente, desenhados por Fillipo Pallota e gravados por Jacques François Benard. A Nicolas de Fer, coube a tarefa de editar os mapas, contribuindo para a divulgação propagandística e panegírica (iconográfica) do seu patrono, assim como da sua legitimidade ao trono espanhol.

É provável que estas imagens se destinassem a integrar um livro propagandístico que Antonio de Ubilla y Medina, marquês de Ribas, deveria fazer imprimir e editar em Bruxelas, sobre a campanha militar conduzida por Filipe V contra Portugal, mas que, por circunstâncias várias, não chegou a sair dos prelos<sup>15</sup>.

Entretanto, dadas as limitações técnicas impressoras em Espanha, os desenhos de Pallota foram enviados para o estúdio de de Fer em Paris, para aí serem gravados, impressos e editados, pelo menos, cinco imagens (de um total de oito desenhos semelhantes da autoria de Pallota), ilustrativas da vitoriosa campanha de invasão a Portugal, conduzida pelo próprio monarca Bourbon: *Aspecto del Real Palacio de Madrid y su plaza, como estuvo el día 4 de marzo de 1704 en que el Rey Catholico Ntro. Señor d. Phelipe Quinto salió a la campaña de Portugal; Pasaje del rey nuestro señor por puente de barcas que se construyó sobre el Tajo para ir desde la provincia de la Beyra a la de Alentejo el día 30 de mayo de 1704; Puente de barcas por donde pasó el Rey don Phelipe Quinto el día 30 de mayo de 1704; Portalegre sitiada y rendida por el Rey N.S. en 8 de junio en 1704; Castel da vide sitiada y rendida por el Rey N. S. D. Phelipe V en 25 de junio de 1704; Plano de Rosmarinhos plaça de Portugal en la provincia de la Veira rendida al Rey Nro. Senr Phelipe V<sup>o</sup>; Castel Blanco rendido a su Majestad Catholica.*

É muito provável que Pallota tenha tomado parte na própria campanha e, aí, terá tido acesso aos detalhados planos, memórias e descrições, que os engenheiros franceses que integravam o exército de Filipe V levantaram, para apoio das operações de cerco, como comprovadamente se verificou no caso

---

(15) Este livro seria a continuação do livro que o marquês de Ribas já havia composto a propósito da campanha de Filipe em Itália, editado em 1706: *Succession de el rey D. Phelipe V, nuestro señor, en la Corona de España; diario de sus viages desde Versalles a Madrid; el que executó para su feliz casamiento; jornada a Napoles, a Milán, y a su Exercito; sucessos de la campaña, y su vuelta a Madrid.* As imagens que integram esta obra também são da autoria de Pallota.

do engenheiro militar Villars Lugein, responsável pelo assédio a Castelo de Vide<sup>16</sup>.

Entre as imagens que compõem esta coleção, destaca-se uma em particular que, pela sua escala, permite observar o território onde decorreu a campanha de 1704 com mais pormenor e, por esta razão, merece uma análise mais demorada: trata-se da *Corografía perteneciente a las dos provincias de la Veira y del Alentejo de Portugal placas y território conquistado por el Rey de España D. PHELIPE. Vº. Nº. Sr. y sus acampamentos desde el principio de Mayo asta los primeros días de Julio en este año de 1704* (figura 3).



Figura 3 - *Corografía perteneciente a las dos provincias de la Veira y del Alentejo...*, Nicolas de Fer, 1704. BNP – C.C. 1804 A.

(16) Todas estas informações relativas à obra de Filippo Pallotta foram retiradas da obra de J. Altieri Sánchez y C. Sánchez Rubio. *Los dibujos de Filippo Pallotta de la campaña de Portugal de 1704*. Disponível em [http://publicaciones.4gatos.es/pallotta/chapter/cartografia\\_militar/](http://publicaciones.4gatos.es/pallotta/chapter/cartografia_militar/)



É um mapa de grandes dimensões (45 x 59 cm), decorado com uma moldura, completado por vários elementos decorativos ao estilo barroco. No canto superior esquerdo foi colocada a cartela do título, “apoiada” em dois querubins, tema ornamental que se repete na cartela da “Explication”, no canto superior direito. A parte inferior da imagem é profusamente decorada, seja para servir de suporte aos elementos do mapa orientação e escala, seja para passar uma mensagem propagandística a favor de Filipe V, mostrando-o montado no seu cavalo a liderar o exército conquistador que marcha em direção à fronteira de Portugal a partir de Alcântara.

Fora da esquadria, foram registados os nomes do autor e do editor, local e data de edição: no canto inferior esquerdo, *Eques Philipus Pallota Sacre Catholice Majestatis Architectus inventor et delineavit, Matrili 1704*; no canto inferior direito, *et Nicols. de Fer Geograph. ejus dem Majestatis direxit Opus.*

O mapa está orientado para oeste, vendo-se de forma destacada o curso do rio Tejo e dos seus principais afluentes das duas margens, e que serve de limite, não só entre os dois países ibéricos, como entre as províncias portuguesas da Beira e do Alentejo. O relevo montanhoso, figurado por pequenos montes desenhados em perspetiva, ocupa uma vasta área na raia do Alto Alentejo e da Extremadura – correspondendo às serras de São Mamede e de Marvão - e, a norte do rio Tejo, aquela que parece ser a serra das Talhadas. Para além destes elementos naturais, o autor assinalou alguns bosques.

Dos elementos humanos, salienta-se a figuração dos núcleos de povoamento, representados por diferentes símbolos e, ainda que nada conste na legenda do mapa, intui-se a existência de uma hierarquia do povoamento. Observa-se, ainda, uma rede viária, onde se indica o destino das vias principais, informação útil para a movimentação de tropas no terreno, especialmente porque se indicam as duas vias principais de acesso a Lisboa, deixando antever que esse seria o destino último da campanha. Sobre o Tejo foram assinaladas as barcas de passagem e a ponte construída para permitir a passagem do exército da margem norte para a província do Alentejo.

O território que aqui foi fixado cartograficamente, entre a Beira Baixa e o Alto Alentejo, a norte e a sul do rio Tejo, era uma das áreas preferenciais de conflitos fronteiriços, cuja origem remonta à nacionalidade, prolongando-se ao longo de boa parte da Idade Média. Após um longo período de estabilidade fronteiriça, o início da Guerra da Restauração reativou a necessidade de

reforçar e modernizar o sistema defensivo deste território identificado como uma das entradas naturais do Reino, ou seja, uma das vias terrestres diretas para conquistar Lisboa. Assim, foram desenhados alguns mapas deste território, ou das suas vizinhanças e, enquanto alguns permaneceram manuscritos, outros foram impressos e conheceram uma maior circulação<sup>17</sup>.

Aquando do início da campanha militar de 1704, com a presença de vários engenheiros militares franceses, novos planos e mapas foram levantados. Entre estes, destaca-se a *Carte de la frontière d’Espagne et de Portugal, depuis Badajoz jusqu’au Douro, levée sur les lieux et dessinée par le Sr. Pennier, ingénieur géographe du Roy*<sup>18</sup>, documento que terá servido para documentar a invasão comandada por Filipe V e, embora tenha permanecido manuscrito, terá sido consultado para formar a base do mapa regional editado por de Fer. De facto, é fácil estabelecer um paralelismo entre os fenómenos figurados nos dois mapas, tanto para os elementos naturais (rios, montanhas e vegetação/florestas), como para os fenómenos humanos, em especial os núcleos de povoamento, a rede viária e a informação estritamente de carácter militar.

O principal propósito do mapa desenhado por Pallota, foi o de mostrar o itinerário seguido pelo exército borbónico invasor, apresentando as suas 18 etapas percorridas em território português, entre os dias 3 de maio e 3 de julho de 1704, e cuja posição foi identificada no mapa por uma letra correspondente, ao mesmo tempo que servia para indicar as conquistas mais significativas da invasão, destacando-se, logo no início, o cerco de Salvaterra.

A fronteira foi figurada por uma linha tracejada que, ou segue o curso dos rios ou serpenteia entre a base dos montes. Esta fronteira natural era reforçada por uma espécie de “pré-carré” abaluartado, cujas linhas de fortificações ampliavam o conceito de fronteira para lá de uma linha. A figuração destas obras militares mereceu uma cuidada atenção por parte do autor.

---

(17) Tal foi o caso do mapa impresso *Theatro de la Guerra en Portugal*, gravado por F. Chemilly, em ca. de 1680 (integra a denominada Coleção Barbosa Machado, Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, ARC.016,09,014) ou o mapa manuscrito que integra o atlas Possi, *Piante d’Estremadura e di Catalogna*, desenhado em 1687. Sobre este atlas, ver C. Sánchez Rubio; R. Sánchez Rubio y I. Testón Núñez (2014). *El Atlas Medici de Lorenzo Possi, 1687. Piante d’Estremadura, e di Catalogna*. Badajoz, 4 Gatos e fundación Caja Badajoz.

(18) BNF, GE C-9256.

No total foram representadas 27 obras de fortificação, entre principais e secundárias, sendo que, destas, 20 localizavam-se em Portugal e apenas sete em Espanha e todas foram desenhadas em perspetiva planimétrica, o que acentua, ainda mais, o seu carácter militar. Outras das funções deste mapa seria o de permitir contextualizar territorialmente as outras gravuras que integram esta coleção editada por de Fer e que ilustram alguns dos principais acontecimentos ocorridos durante a campanha militar, nomeadamente a conquista de praças de guerra – Portalegre -, às quais se podiam somar outras gravuras, também da autoria de Pallotta, como aquelas que mostram a conquista de Castelo Branco, Rosmaninhal e Castelo de Vide (com características idênticas a estas editadas pelo geógrafo francês) ou umas anteriores, editadas em Madrid, presumivelmente em 1704, ainda antes do fim da campanha, com uma clara intenção propagandística de divulgar as conquistas obtidas na província da Beira.<sup>19</sup>

Quantas destes planos correspondem a fortificações reais e quantas seriam imaginadas? Confrontemos as fontes.

A análise aos mapas de Portugal impressos, quer aqueles que foram editados pelo próprio de Fer, quer aqueles que terão servido de fonte direta, revela que, embora todos tenham figurado um grande número de localidades abaluartadas, não existe uma clara coincidência entre estas e aquelas que foram assinaladas no mapa *Corografía da Beira*, nem quanto ao seu número total, nem quanto à sua configuração, já que, efetivamente, foram utilizados símbolos genéricos para representação das praças de guerra raianas.

Seria a *Carte de la frontière d’Espagne et de Portugal depuis Badajos jusqu’au Douro*, de autoria de Jacques Pennier, a principal fonte documental para a informação militar, nomeadamente das praças abaluartadas? Efetivamente, o autor forneceu informações importantes sobre a configuração das obras de defesa de várias localidades, pois muitas foram desenhadas como praça militar, incluindo o seu recinto amuralhado e obras exteriores, enquanto outras foram figuradas com um símbolo de casario cercado, depreendendo-se tratar de obras provisórias ou não consolidadas. Em todo o caso, aquelas que se podem

---

(19) J. Altieri Sánchez y C. Sánchez Rubio. *Los dibujos de Filippo Pallotta de la campaña de Portugal de 1704*. Disponível em [http://publicaciones.4gatos.es/pallotta/chapter/cartografia\\_militar/](http://publicaciones.4gatos.es/pallotta/chapter/cartografia_militar/)

identificar como fortalezas, nem sempre foram registadas com pormenores, talvez com a exceção de alguns casos como Salvaterra, e Badajoz<sup>20</sup>, já que a maioria apresenta um desenho sem grande detalhe, ainda que se admita que muitas possam estar conforme as características gerais das fortalezas no que respeita, por exemplo, ao número de baluartes, de revelins, hornaveques ou outras obras defensivas. Todavia, a confrontação deste mapa com o de Pallota/ de Fer, põe em evidência as dissonâncias identificadas.

A existência de um mapa manuscrito depositado na Bibliothèque National de France, de autoria anónima e que parece uma cópia inacabada, pode constituir uma nova pista para a explicação do mapa de Fer. Este documento, identificado como *Carte des opérations militaires dans la région située entre Alcantara et Almeida, autour de Ciudad Rodrigo*<sup>21</sup>, está datado entre 1700-1710 e cujo original terá sido elaborado por um engenheiro militar francês ao serviço do rei Filipe V: os engenheiros Guillyn e Constantin estiveram a trabalhar em Ciudad Rodrigo nos primeiros anos da campanha, mas o mapa também pode ter sido obra de Pennier, ele próprio um conhecedor deste território. De facto, alguns detalhes no desenho de certas obras abaluartadas localizadas na fronteira do Tejo, bem como, de outros elementos figurados, permitem estabelecer uma relação com os mapas *Carte de la frontière d'Espagne et de Portugal depuis Badajos jusqu'au Douro e a Corografia da Beira*, pelo que, se poderá admitir que de Fer terá tido acesso a outras e variadas fontes cartográficas obtidas a partir de observação direta.

---

(20) Conhecem-se planos elaborados por Pennier para Salvaterra, Alcântara, Valência de Alcântara, e Badajoz. Ver, C. Montaner (coord.) (2017). *Recueil des Plans du Roussillon, de Catalogne: des Chateaux, Villages, Eglises, Chapelles & Maisons qui peuvent servir de Postes en temps de guerre; et de Quelques Endroits de France & d'Espagne. Par le Sr. Pennier Ingenieur et Geographe du Roy*. Barcelona, Institut Cartogràfic i Geològic de Catalunya.

(21) BNF, GE DD-2987 (1700 B). Sobre a ação dos engenheiros militares franceses na Raia, ver ALTIERI SÁNCHEZ, Juan y SÁNCHEZ RUBIO, Carlos (2019). *La Raya, a la francesa. Ingenieros del Corps du Génie en la frontera luso extremeña durante la Guerra de Sucesión Española* In MELÓN JIMÉNEZ, Miguel, RODRÍGUEZ CANCHO, Miguel, TESTÓN NÚÑEZ, Isabel y SÁNCHEZ RUBIO, Rocío (eds.). *Dinámica de las fronteras en periodos de conflicto. El Imperio español (1640-1815)*. Cáceres, Universidad de Extremadura, pp. 353-369.

O mapa figura a raia luso-espanhola entre o rio Tejo e o rio Douro, assinalando as principais obras de fortificação e, nas imediações de Ciudad Rodrigo e dá conta de um conjunto de manobras militares que nos permitem relacionar com a campanha que os exércitos aliados conduziram em 1706. No entanto, também não é possível estabelecer uma filiação absoluta relativamente à representação das fortificações abaluartadas elementos.

Resta analisar se as plantas editadas por de Fer podiam constituir a fonte desta informação. Em 1705, integrando um atlas intitulado *Cartes et descriptions generales et particulieres pour l'intelligence des affaires du temps, au sujet de la succession de la couronne d'Espagne, en Europe, en Asie, en Afrique et Amerique : Dressées et dediées a sa Majesté Catholique Philippe V. On trouvera dans cet ouvrage les cartes du théâtre de la guerre*, o autor republica as imagens das principais Praças de Guerra do Alentejo, originalmente publicadas por Manesson-Mallet, na sua obra *Les Travaux de Mars*, datada de 1683, mas agora gravadas por A. Coquart : Estremoz; Vila Viçosa; S. Gião; Arronches; Elvas; Évora; Olivença e Setúbal<sup>22</sup>. Destas, apenas Arronches figura na *Corografia da Beira*, apresentando um desenho semelhante.

Ainda de âmbito regional, também está atribuído a de Fer a autoria do mapa *Campemens des Armees aux frontiers di Espagne, et du Portugal en l'annee 1709*<sup>23</sup>, onde se registam os movimentos dos exércitos em confronto que culminaram na batalha do Caia ou da Gudiña, travada no dia 7 de maio de 1709. Aqui se figura o território raiano do Alentejo e da Extremadura, compreendido entre Albuquerque e Olivença, assinalando-se as principais praças de guerra, sobretudo do lado português<sup>24</sup>. Uma vez mais, as fortificações parecem ter sido figuradas com um símbolo genérico.

---

(22) Dois anos mais tarde, estas mesmas imagens seriam reutilizadas pelo editor e livreiro holandês, Pieter Van der Aa, na obra *Les délices d'Espagne et du Portugal*.

(23) O mapa manuscrito, surge num atlas intitulado *Espagne Recueil de Cartes Geographiques Dressées Sur les Nouvelles Observations de Mrs. de l'Académie Royale des Sciences* e que reúne vários mapas editados por de Fer. BNE, GMG 126.

(24) M. Cayetano Rosado (2017). Corografía de la Raia/Raya en la línea Madrid-Lisboa durante la Guerra de Sucesión (En plano de Nicolas de Fer de 1709). *CEAMA – Centro de Estudos de Arquitectura Militar de Almeida*, 18, pp. 228-245.

## CONCLUSÕES

A atenção que a Guerra da Sucessão de Espanha despertou no público europeu constituiu uma excelente oportunidade comercial para Nicolas de Fer já que, Filipe, o até então Duque d'Anjou, filho do seu patrono, o Grande Delím de França, tornara-se rei de Espanha. Deste modo, foi possível aceder de forma privilegiada ao mercado ibérico, intitulado-se desde logo "Geógrafo de Sua Majestade Católica". Assim, a sua obra cartográfica revestiu-se de um carácter propagandístico e laudatório ao seu novo patrono, que se traduzia nas profusamente decoradas cartelas onde se incluía uma dedicatória ao monarca espanhol; na inclusão de desenhos que recriavam certos acontecimentos ocorridos durante a campanha, destacando-se a figura do rei entre as demais e no tema central dos mapas, a glorificação das vitórias obtidas na campanha militar, nas batalhas, nos cercos ou noutras manobras efetuadas.

A obra cartográfica onde este geógrafo francês registou o conflito ibérico travado na fronteira luso-estremenha, distribuiu-se por várias escalas. Relativamente ao conjunto do país, de Fer editou três diferentes mapas de Portugal, entre 1703 e 1705, muito embora sem grande mérito geográfico, já que na realidade se tratavam de cópias ou plágios, de outras obras cartográficas contemporâneas.

As circunstâncias militares da Guerra da Restauração repetiam-se, mas o contexto geopolítico modificou-se e a França era, agora, uma potência inimiga, pelo que, os mapas franceses reutilizados neste contexto, já não serviam para exaltar a independência de Portugal, mas antes para glorificar os feitos das armas franco-espanholas e mostrar a submissão portuguesa ao poder político e militar da nova dinastia reinante em Espanha.

A fronteira, invariavelmente representada por uma linha pontuada ou tracejada, não permitia visualizar grandes pormenores, muito embora fosse possível intuir a existência de um território fortificado, num e noutra lado da raia.

A configuração da fronteira adquiriu uma feição mais detalhada quando representada à escala regional. Neste particular, destaca-se o mapa *Corografia das províncias da Beira e do Alentejo...*, que constitui uma autêntica narrativa cartográfica ao serviço da propaganda borbónica, que se combina e completa com a linguagem pictórica descritiva da campanha militar. Neste território figuram mais de duas dezenas de vilas fortificadas, fortes e fortins, grande parte

deles imaginados, ou inventados, porquanto foram desenhados com amplos perímetros muralhados, muitos deles abaluartados, mesmo que à data da sua elaboração tal não se verificasse<sup>25</sup>.

Desta forma, o mapa servia para amplificar os sucessos das armas franco-espanholas na campanha conduzida pelo próprio monarca, assim engrandecendo a sua fama de líder militar vitorioso.

A associação a Pallota, revelou-se estratégica do ponto de vista comercial: a atualidade e a veracidade dos fenómenos figurados era assegurada por alguém que havia testemunhado *in loco* estes acontecimentos, tendo registado as suas observações. Todavia, as fontes de informação militares, fossem as plantas das fortificações, os mapas regionais ou as descrições, nunca foram reveladas.

---

(25) Na época, esta era uma situação bastante comum, tornando-se difícil, por vezes, distinguir as obras concretizadas das projetadas em esboços e planos. J. Garcia e L. Moreira (2019). Fronteira, Guerra e Vila imaginadas: Herrera de Alcántara e o Tejo internacional, nos séculos XVII-XVIII. In MELÓN JIMÉNEZ, Miguel, RODRÍGUEZ CANCHO, Miguel, TESTÓN NÚÑEZ, Isabel y SÁNCHEZ RUBIO, Rocío (eds.). Dinámica de las fronteras en periodos de conflicto. El Imperio español (1640-1815). Cáceres, Universidad de Extremadura.

## BIBLIOGRAFIA

ALBAREDA SALVADÓ, Joaquim y LEÓN SANZ, Virginia (2013). Estudio Introductorio. In *Diario Bellico. La Guerra de Sucesión en España*. Alicante, Universidad de Alicante.

ALTIERI SÁNCHEZ, Juan y SÁNCHEZ RUBIO, Carlos (s/d). *Los dibujos de Filippo Palotta de la campaña de Portugal de 1704*. Disponible em [http://publicaciones.4gatos.es/palotta/chapter/cartografia\\_militar/](http://publicaciones.4gatos.es/palotta/chapter/cartografia_militar/)

ALTIERI SÁNCHEZ, Juan y SÁNCHEZ RUBIO, Carlos (2019). La Raya, a la Francesa. Ingenieros del *Corps du Génie* en la frontera luso extremeña durante la Guerra de Sucesión Española In MELÓN JIMÉNEZ, Miguel, RODRÍGUEZ CANCHO, Miguel, TESTÓN NÚÑEZ, Isabel y SÁNCHEZ RUBIO, Rocío (eds.). *Dinámica de las fronteras en periodos de conflicto. El Imperio español (1640-1815)*. Cáceres, Universidad de Extremadura, pp. 353-369.

BARROCA, Mário Jorge (2018). O Livro das Fortalezas de Duarte de Armas. Contributo para uma análise comparativa dos manuscritos de Lisboa e de Madrid. In ROSA, Lúcia, SOUSA, Ana Cristina e BARREIRA, Hugo. *Genius Loci – Lugares e Significados = Places And Meanings*. Vol. 2, Porto, CITCEM, pp. 183 – 205.

BORGES, João Vieira (2003). *A Conquista de Madrid*. Lisboa, Tribuna da História.

BORREGUERO BELTRÁN, Cristina (2003). Imagen y propaganda de guerra en el conflicto sucesorio (1700-1713). *Manuscripts*, 21, pp. 95-132.

CAYETANO ROSADO, Moisés (2017). Corografía de la Raia/Raya en la línea Madrid-Lisboa durante la Guerra de Sucesión (En plano de Nicolas de Fer de 1709). *CEAMA – Centro de Estudos de Arquitectura Militar de Almeida*, 18, pp. 228-245.

GARCIA, João Carlos e MOREIRA, Luís Miguel (2019). Fronteira, Guerra e Vila imaginadas: Herrera de Alcántara e o Tejo internacional, nos séculos XVII-XVIII. In MELÓN JIMÉNEZ, Miguel, RODRÍGUEZ CANCHO, Miguel, TESTÓN NÚÑEZ, Isabel y SÁNCHEZ RUBIO, Rocío (eds.). *Dinámica de las fronteras en periodos de conflicto. El Imperio español (1640-1815)*. Cáceres, Universidad de Extremadura.

GARCÍA GÓMEZ, Ramón (2017). Virai costas a Castela. Las fortificaciones de la Beira Baixa portuguesa / Turn your back to Castille. The fortifications of the Portuguese Beira Baixa. *CEAMA*, 17, pp. 162-207.

MARTÍN MARCOS, David (2014). *Península de recelos. Portugal y España 1668-1715*. Madrid, Marcial Pons.

MONTANER, Carme (coord.) (2017). *Recueil des Plans du Roussillon, de Catalogne: des Chateaux, Villages, Eglises, Chapelles & Maisons qui peuvent servir de Postes en temps de guerre; et de Quelques Endroits de France & d'Espagne. Par le Sr. Pennier Ingenieur et Geographe du Roy*. Barcelona, Institut Cartogràfic i Geològic de Catalunya.

SÁNCHEZ RUBIO, Carlos; SÁNCHEZ RUBIO, Rocío y TESTÓN NÚÑEZ, Isabel (2014). *El Atlas Medici de Lorenzo Possi, 1687. Piante d'Estremadura, e di Catalogna*. Badajoz: 4 Gatos e Fundación Caja Badajoz.

SEGURA GARCÍA, Germán (2014). Guerra de Sucesión Española: Campañas Militares en la Península (1702-1714). *Revista de Historia Militar*, II, pp. 149-182.

TESTÓN NÚÑEZ, Isabel.; SÁNCHEZ RUBIO, Carlos.; SÁNCHEZ RUBIO, Rocío (2014). *El Atlas Medici de Lorenzo Possi, 1687*. Badajoz, Caja de Ahorros de Badajoz.



TESTÓN NÚÑEZ, Isabel.; SÁNCHEZ RUBIO, Carlos.; SÁNCHEZ RUBIO, Rocío (2004). *Imágenes de un Imperio Perdido. El Atlas del Marqués de Heliche : plantas de diferentes plazas de España, Italia, Flandes y Las Indias*. Merida, Presidencia de Junta de Extremadura.

TESTÓN NÚÑEZ, Isabel.; SÁNCHEZ RUBIO, Carlos.; SÁNCHEZ RUBIO, Rocío (2003). *Planos Guerra y Frontera. La Raya Luso-Extremeña en el Archivo Militar de Estocolmo*. Mérida, Gabinete de Iniciativas Transfronterizas, Junta de Extremadura.